

DENOMINAÇÕES PARA O ITEM LEXICAL “DIABO” EM CAPITAIS DO BRASIL: UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO COM DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

DENOMINACIONES PARA EL ÍTEM LÉXICO “DIABO” EN CAPITALS DE BRASIL: UN ESTUDIO GEOLINGÜÍSTICO CON DATOS DEL PROYECTO ATLAS LINGÜÍSTICO DE BRASIL

DENOMINATIONS FOR THE LEXICAL ITEM “DIABO” IN CAPITALS OF BRAZIL: A GEOLINGUISTIC STUDY WITH DATA FROM THE LINGUISTIC ATLAS PROJECT OF BRAZIL

Geisa Borges da Costa*

Universidade Federal da Bahia

RESUMO: O artigo faz uma análise das denominações para o item lexical *diabo* no Norte e no Nordeste do Brasil. Para isso, utilizaram-se inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, realizados com 120 informantes, selecionados de acordo com os critérios da Dialetologia Contemporânea. Foram registrados 332 itens lexicais, concretizados através de 31: *anjo mau, anticristo, besta, besta-fera, belzebu, bicho feio, bicho ruim, cão, capeta, capirote, chifrudo, coisa ruim, cramunhão, criatura, cruz-credo, demo, demônio, desgraça, diabo, encardido, enxofre, inimigo, Lúcifer, nefisto, príncipe dos céus, sapirico, satã, satanás, sujo, tinhoso, troço*. O estudo serviu para demonstrar a diversidade linguística e cultural do léxico religioso do português falado no Norte e no Nordeste do Brasil, sendo de extrema importância para o conhecimento da multidimensionalidade que a língua portuguesa assume nos diversos espaços físicos e socioculturais.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Religião e Crenças. Atlas Linguístico do Brasil.

* Doutora em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Universidade Federal da Bahia. Integrante do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. E-mail: gbdcosta@ufba.br.

RESUMEN: El artículo analiza las denominaciones del ítem léxico diabo en el Norte y em el Nordeste de Brasil. Para ello, se utilizaron encuestas del Proyecto Atlas Lingüístico de Brasil, realizadas con 120 informantes, seleccionados según los criterios de la Dialectología Contemporánea. Se registraron un total de 332 ítems léxicos, concretados a través de 31 variantes: ángel malo, anticristo, bestia, fiera, belcebú, bestia fea, bestia mala, perro, diablo, capiroto, cornudo, cosa mala, cramunhão, criatura, cruz credo, demo, demonio, vergüenza, diablo, mugriento, azufre, enemigo, lucifer, nefista, príncipe de los cielos, sapírico, satanás, satanás, sucio, picazón, cosa. El estudio sirvió para demostrar la diversidad lingüística y cultural del léxico religioso del portugués hablado en el Norte y Nordeste de Brasil, siendo de suma importancia para el conocimiento de la multidimensionalidad que asume la lengua portuguesa en los diversos espacios físicos y socioculturales.

PALABRAS CLAVE: Léxico. Religión y Creencias. Atlas lingüístico de Brasil.

ABSTRACT: The article analyzes the denominations for the lexical item diabo in the North and in the Northeast of Brazil. For this, surveys of the Atlas Linguístico do Brasil Project were used, carried out with 120 informants, selected according to the criteria of Contemporary Dialectology. There were registered 332 lexical items, concretized through 31 variants: bad angel, antichrist, beast, beast, beelzebub, ugly beast, bad beast, dog, devil, capiroto, horn, bad thing, cramunon, creature, cross- creed, demo, devil, disgrace, devil, grimy, brimstone, enemy, lucifer, nephisto, prince of heaven, sapiric, satan, satan, dirty, withered, stuff. The study served to demonstrate the linguistic and cultural diversity of the religious lexicon of Portuguese spoken in the North and Northeast of Brazil, being extremely important for the knowledge of the multidimensionality that the Portuguese language assumes in different physical and sociocultural spaces.

KEYWORDS: Lexicon. Religion and Beliefs. Linguistic Atlas of Brazil.

1 INTRODUÇÃO

O nível lexical da língua é a área da linguagem que melhor reflète a realidade cultural e social de uma comunidade. É pela palavra que o indivíduo vai conhecendo o universo à sua volta, e o mundo se revela para ele através de diferentes sentidos, sensações, sentimentos, pessoas, objetos, os quais são nomeados e reconhecidos por esses nomes. Desse modo, os elementos do mundo biossocial são registrados e identificados, constituindo-se em um universo significativo para o falante.

Em sua ligação com o mundo exterior, a palavra identifica o ser humano, ajuda-o a construir vínculos sociais, culturais, religiosos e afetivos, revelando-se como um modo de aproximação ou distanciamento entre as pessoas, que se afligem, angustiam-se, entristecem-se ou se alegram ao ouvir determinadas palavras.

As realizações lexicais dos indivíduos expressam sua visão de mundo, suas crenças, suas ideologias, seus valores e a norma lingüística aprendida através das práticas socioculturais presentes em seu grupo social, que, geralmente, mantém entre si uma identidade lingüística. Tendo em vista que a língua é também um produto cultural da comunidade, e, dentre os níveis da língua, o léxico é um dos mais afetados pelas influências socioculturais, o estudo sobre o léxico poderá evidenciar aspectos bastante significativos da correlação entre a língua e a diversidade sociocultural. As questões que motivaram esta pesquisa foram:

- De que forma se manifesta a produtividade das variantes para designar aspectos do campo léxico-semântico das religiões e das crenças, mais particularmente, do ítem lexical *diabo* nas capitais do Norte e do Nordeste do Brasil?
- Como se apresenta a distribuição diatópica das variantes lexicais para *diabo* nas capitais nortistas e nordestinas?

Para responder a esses questionamentos, têm-se como objetivos do trabalho:

- descrever e analisar a produtividade das variantes referentes ao ítem lexical *diabo* nas capitais do Norte e do Nordeste;
- verificar a distribuição espacial das variantes lexicais registradas para nomear o referente *diabo*.

O trabalho estrutura-se em cinco seções. A primeira, consiste na introdução, em que se delineou o escopo principal da pesquisa. A segunda, fará um breve panorama dos estudos dialetais. A terceira, refere-se à metodologia adotada na pesquisa. A quarta, apresenta a análise geolinguística dos dados; e a quinta seção traz as considerações finais do artigo.

2 BASE TEÓRICA

A diversidade dos usos linguísticos como representação dos diferentes espaços geográficos pode ser facilmente percebida pelos falantes, que reconhecem a origem do indivíduo através das marcas regionais transpostas em sua linguagem. Entretanto, embora fosse inegável a existência da variação linguística nas diferentes localidades e ambientes sociais, o tratamento científico para investigar esses fatos da linguagem nem sempre esteve assentado em uma base sólida.

O interesse em tratar a língua sob a perspectiva da sua variabilidade no espaço físico remonta ao século XIX, em um tempo em que a dificuldade de locomoção e a ausência de meios de comunicação, tais como rádio e televisão, tornavam as características linguísticas das diversas regiões do país bastante particulares, revelando-se aspectos da linguagem que, muitas vezes, eram conhecidos apenas em determinadas áreas geográficas.

Conforme Cardoso (2010), dois aspectos fundamentais estão na gênese da Dialectologia: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas; a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades prefixados.

O estudo sistemático das variações, sobretudo de natureza geográfica, foi formalizado, segundo Brandão (1991), à época em que as investigações no campo da linguagem se desenvolviam de acordo com o método histórico-comparativo.

Apesar de a preocupação com os fatores de ordem sociocultural se fazer presente desde o início dos estudos dialetais, os primeiros trabalhos dialetológicos buscaram descrever a variabilidade linguística associada às diferenças espaciais. Desse modo, a Dialectologia, em seus primórdios, priorizou a dimensão diatópica da variação linguística, numa perspectiva eminentemente monodimensional.

O interesse inicial da Dialectologia era catalogar os usos linguísticos dos falantes situados em áreas distantes dos centros urbanos, pois estes mantiveram em sua fala variantes linguísticas mais conservadoras, pelo fato de fazerem parte de uma rede social mais densa e sofreram, em menor grau, a influência linguística proveniente dos meios de comunicação e dos indivíduos mais escolarizados e com um repertório cultural mais amplo.

Em virtude disso, os informantes selecionados para a recolha dos dados dialetais apresentavam um determinado perfil de acordo com a finalidade do estudo. Os critérios estabelecidos para a seleção dos informantes não levavam em conta a distribuição equitativa de fatores sociais, como faixa etária, gênero ou escolaridade. Os informantes eram pessoas que deveriam possuir as seguintes características: serem nascidos e residentes na zona rural, serem idosos, homens, levarem uma vida sedentária e terem pouca ou nenhuma escolaridade.

O perfil do informante da Dialectologia tradicional foi identificado por Chambers; Trudgill (1994, p. 33) pela sigla inglesa de NORMS “*nonmobile, older, rural, males*”, que poderia ser traduzida, literalmente, para o português como “homens, sedentários, mais velhos, rurais”, dialogando com o que Zágari (2005) chama de HARAS, isto é, homem, adulto, rural, analfabeto e sedentário.

Em artigo intitulado *Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?*, Cardoso (2002) afirma que, se as diferenças espaciais ganham destaque em relação às demais, é porque, na realidade dos fatos, as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos assumem expressão de maior nitidez e de mais fácil percepção nos espaços físicos ou geográficos. Com o desenvolvimento das pesquisas dialetais, foram acontecendo mudanças metodológicas no campo de investigação da Dialectologia, relacionadas, sobretudo, à necessidade de se descreverem falares que transpusessem os espaços mais isolados e a

perspectiva monodimensional. A disciplina amplia seu foco de interesse para além dos espaços geográficos, e, embora sua face social estivesse presente desde o princípio dos estudos, somente no século XX os aspectos sociais passam a ser controlados sistematicamente juntamente com o estudo da distribuição espacial. Desse modo, os estudos dialetais voltam-se também à diversidade da fala que representa os centros urbanos e os contextos socioculturais da contemporaneidade.

A face social da Dialetologia tem se expandido bastante nos últimos anos e se materializado em diversos trabalhos que transpõem a descrição da variação no espaço geográfico, distinguindo-se da Dialetologia tradicional por recobrir um conjunto de parâmetros socioculturais e incluir em suas análises elementos referentes à organização social dos grupos humanos, à história, à cultura, ao contato entre línguas.

Aliada à busca de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal, a Dialetologia toma como elemento de investigação características socioculturais dos falantes, como idade, gênero, escolaridade, profissão, com o intuito de fazer uma análise das relações entre o contexto interno e externo da fala.

Os condicionadores extralinguísticos ou sociais podem assumir diferentes papéis de acordo com o fenômeno linguístico e com a área geográfica investigada. Tomando o espaço geográfico como base para a análise da variação diageracional, diagenérica, diastrática e diafásica, a Dialetologia pluridimensional se movimenta em direção aos aspectos sociolinguísticos da língua e utiliza aqueles que possam contribuir para a descrição dos fenômenos dialetais.

A Dialetologia moderna assume sua pluridimensionalidade, conforme o que descreve Thun (2000, p. 408):

La nouvelle géolinguistique se caractérise par l'élargissement de son champ d'observation et par un travail en profondeur plus poussé. Elle passe de l'analyse de la superficie, constituée par la dimension diatopique, à celle de l'espace linguistique formé par la prise en considération de variables comme la dimension diastratique, diaphasique ou d'autres.

Elle n'emploie plus toute son énergie à la recherche du dialecte pur rural mais elle entre également dans les villes, elle analyse des langues régionales, focalise des situations de contact, questionne aussi des gens démographiquement mobiles¹.

Utilizando, em sua metodologia, princípios advindos da Sociolinguística, a Dialetologia deixa de apresentar os dados linguísticos unicamente pelo viés diatópico e de produzir apenas resultados monodimensionais, monostráticos, monogeracionais e monofásicos, acrescentando em seus registros da língua dados de natureza social, como o sexo, a idade e a escolaridade do informante, que são exibidos cartograficamente.

Esses fenômenos dialetais são registrados através de um método próprio denominado geografia linguística ou Geolinguística, que tem alcançado um extraordinário desenvolvimento na atualidade. A Geolinguística permite que um grande número de formas linguísticas (lexicais, fonéticas, morfossintáticas) seja registrado em mapas especiais ou cartas linguísticas, levando-se em conta a distribuição dessas formas no espaço geográfico. Dessa forma, a Geolinguística compreende um modo sistemático de estudo cartográfico dos dialetos, o qual permite registrar o caminho trilhado pelos fenômenos linguísticos nos diversos espaços físicos e grupos sociais.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

¹ A nova Geolinguística é caracterizada pela ampliação de seu campo de observação e uma profundidade maior para o trabalho. Ela passa da análise da superfície, constituída pela dimensão diatópica a um espaço linguístico voltado para a consideração de variáveis como a dimensão diastrática, diafásica e outras. Ela não emprega toda sua energia em pesquisar o dialeto rural puro, mas também entre as cidades, analisa as línguas regionais, focaliza as situações de contato, questiona demograficamente a população móvel (tradução nossa).

O trabalho constituiu-se a partir de um segmento do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), considerando-se as respostas dadas pelos informantes para a primeira pergunta referente ao campo semântico Religiões e Crenças (Cf. Comitê Nacional Do Projeto ALiB, 2001).

O QSL contempla 202 questões com o fim de apreender a diversidade lexical da língua portuguesa nas diversas regiões do Brasil e está organizado em torno de catorze campos semânticos.

A questão 147 do QSL foi formulada, no âmbito do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, com o fim de documentar a riqueza sinonímica utilizada pelos indivíduos para nomear o item lexical *diabo*. Desse modo, perguntou-se ao informante: “Deus está no céu, e no inferno está ...?”

Para este estudo, utilizaram-se inquéritos realizados com 120 informantes – 60 homens e 60 mulheres – das quinze capitais do Norte e Nordeste do Brasil, conforme metodologia adotada pelo Projeto ALiB: quatro homens e quatro mulheres por capital; dois homens e duas mulheres pertencentes à Faixa I – dos 18 aos 30 anos; dois homens e duas mulheres correspondentes à Faixa Etária II – dos 50 aos 65 anos; dois homens e duas mulheres de nível fundamental incompleto; e dois homens e duas mulheres de nível universitário.

O tratamento dos dados consistiu no levantamento e na sistematização de todas as variantes utilizadas pelos informantes. No caso deste estudo, catalogaram-se as variantes lexicais referentes à área semântica Religião e Crenças, produzidas pelos indivíduos das capitais das regiões Norte e Nordeste, para responder à questão 147 do QSL do Projeto ALiB. Foram registradas todas as designações fornecidas como primeira, segunda, terceira ou quarta resposta pelos 120 informantes. Os dados foram submetidos a um tratamento quantitativo, utilizando-se valores absolutos e relativos, obtidos com base na observação da frequência das variantes em cada localidade pesquisada. Para organizar o material linguístico coletado, elaboraram-se quadros, gráficos e mapas, registrando-se o número de variantes encontradas e a distribuição das variantes em cada ponto de pesquisa linguística.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

A análise quantitativa dos dados foi realizada com um total de 332 respostas válidas para a pergunta 147 do QSL, o que corresponde a um total de 31 formas lexicais diferentes. Todos os informantes responderam à questão, não havendo nenhuma abstenção e todas as respostas foram consideradas válidas.

A Tabela 1 mostra todas as formas documentadas para a questão 147, com o total das ocorrências e os índices percentuais registrados nas capitais do Norte e do Nordeste do Brasil.

Itens Lexicais	Nº de ocorrências	%
Diabo	99	30
Satanás	60	18
Cão	39	11,7
Demônio	31	9,3
Capeta	26	7,8
Lúcifer	20	6
Coisa Ruim	10	3

Demo	6	1,8
Inimigo	6	1,8
Chifrudo	3	1,2
Belzebu	3	0,9
Capiroto	3	0,9
Satã	3	0,9
Besta	2	0,6
Anticristo	2	0,6
Encardido	2	0,6
Sujo	2	0,6
Tinhoso	2	0,6
Anjo mau	1	0,4
Bicho ruim	1	0,4
Cramunhão	1	0,4
Criatura	1	0,4
Cruz-credo	1	0,4
Desgraça	1	0,4
Enxofre	1	0,4
Nefisto	1	0,4
Besta-fera	1	0,4
Príncipe dos céus	1	0,4
Rabudo	1	0,4
Sapirico	1	0,4
Troço	1	0,4
Total	332	100

Tabela 1: Frequência de formas lexicais para *diabo* nas capitais dos estados da Região Norte e Nordeste do Brasil

Fonte: Elaborado pela autoria com base em dados do Atlas Linguístico do Brasil (AliB)

A análise das ocorrências indica a lexia *diabo* como a resposta com a maior frequência no *corpus*, perfazendo um total de 30% dos dados, seguida de outras variantes, a saber: *satanás* (18%), *cão* (12%) *demônio* (9,3%), *capeta* (7,8%) e *lúcifer* (6%). As denominações que obtiveram percentual inferior a 4% das ocorrências foram: *coisa ruim* (10 ocorrências), *inimigo* e *demo* (6 ocorrências), *belzebu*, *chifrudo* e *capiroto* (3 ocorrências), *anticristo*, *besta*, *satã*, *sujo*, *tinioso* (2 ocorrências), além de treze variantes que tiveram ocorrências únicas (*anjo mau*, *besta-fera*, *bicho ruim*, *cramunhão*, *criatura*, *cruz-credo*, *desgraça*, *enxofre*, *nefisto*, *príncipe dos céus*, *rabudo*, *sapirico*, *troço*).

O Gráfico 1 resume a Tabela 1, evidenciando as oito variantes mais produtivas, o que demonstra a alta produtividade da variante *diabo* em comparação com as outras formas lexicais do *corpus*.

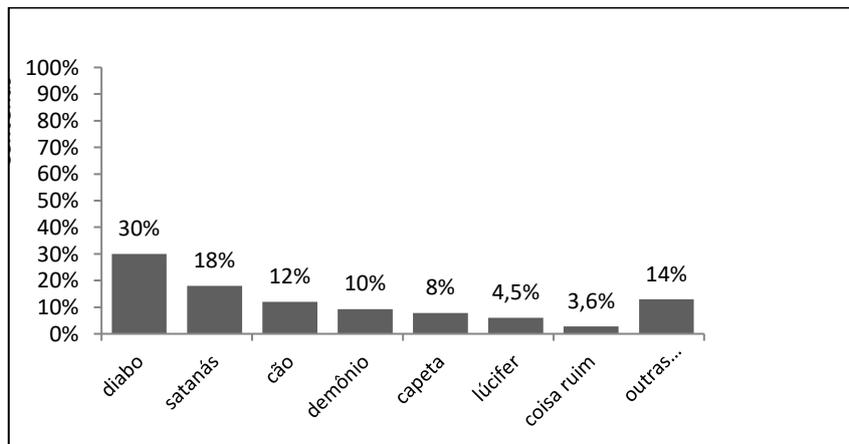


Gráfico 1: Designações para *diabo* nas capitais dos estados das regiões Norte e Nordeste do Brasil

Fonte: Elaborado pela autoria com base em dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

A lexia *diabo*, além de registrar o maior percentual no número geral das ocorrências, com 99 respostas em um total de 331 dados, conforme se pôde observar na *Tabela 1*, também foi documentada em todas as capitais pesquisadas.

A Tabela 2 corresponde à distribuição das localidades em que as variantes ocorrem, demonstrando a presença das variantes para *diabo* nas capitais do Brasil em valores absolutos e percentuais.

Itens lexicais	Nº de capitais em que houve ocorrência	%
Diabo	15	100
Demônio	14	93
Capeta	14	93
Satanás	14	93
Cão	13	86
Lúcifer	10	66
Coisa ruim	9	60
Inimigo	6	40
Demo	4	26
Chifrudo	3	20
Satã	3	20
Belzebu	3	20
Capiroto	3	20
Anticristo	2	13
Besta	2	13
Encardido	2	13
Sujo	2	13
Tinhoso	2	13
Anjo mau	1	6
Besta-fera	1	6
Bicho feio	1	6
Bicho ruim	1	6
Cramunhão	1	6
Criatura	1	6
Cruz-credo	1	6
Desgraça	1	6
Enxofre	1	6
Nefisto	1	6
Príncipe dos céus	1	6
Rabudo	1	6
Sapirico	1	6
Troço	1	6

Tabela 2: Frequência das variantes lexicais para *diabo* em relação ao total de capitais pesquisadas

Fonte: Elaborado pela autoria com base em dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

A Tabela 2 demonstra que a lexia *diabo* está presente nas 15 localidades da pesquisa, ou seja, em 100% das capitais que fazem parte do estudo, correspondendo, portanto, à norma lexical de todas as áreas geográficas da pesquisa. As variantes *demônio*, *capeta* e *satanás* só não foram registradas em uma capital: a primeira em Aracaju/SE, a segunda em Natal/RN e a terceira em Belém/PA, perfazendo um total de 93% de frequência no estudo. A variante *cão* só não foi registrada em Recife/PE e em Salvador/BA. A variante *lúcifer* foi registrada em dez capitais das regiões norte e Nordeste do Brasil, e a variante *coisa ruim* esteve presente em nove dessas capitais. As outras lexias tiveram presença em menos de 50% das localidades da amostra. Em todas as capitais pesquisadas, houve a ocorrência de diversas variantes para o termo buscado na questão 147, registrando-se mais de cinco variantes em cada cidade. As variantes que tiveram ocorrência única estão presentes em dez localidades e foram as seguintes: *anjo mau* e *príncipe dos céus* (São Luís), *besta-fera* (Teresina), *bicho feio*, *nefisto* e *rabudo* (Macapá), *bicho ruim* (Fortaleza), *cramunhão* (Aracaju), *criatura* (Salvador), *cruz-credo* (Boa Vista), *desgraça* (Teresina), *enxofre* e *troço* (Maceió) e *sapirico* (Natal).

O Gráfico 2 foi elaborado com base na Tabela 2 e mostra as lexias que foram registradas em até 10 capitais do Norte e Nordeste do Brasil.

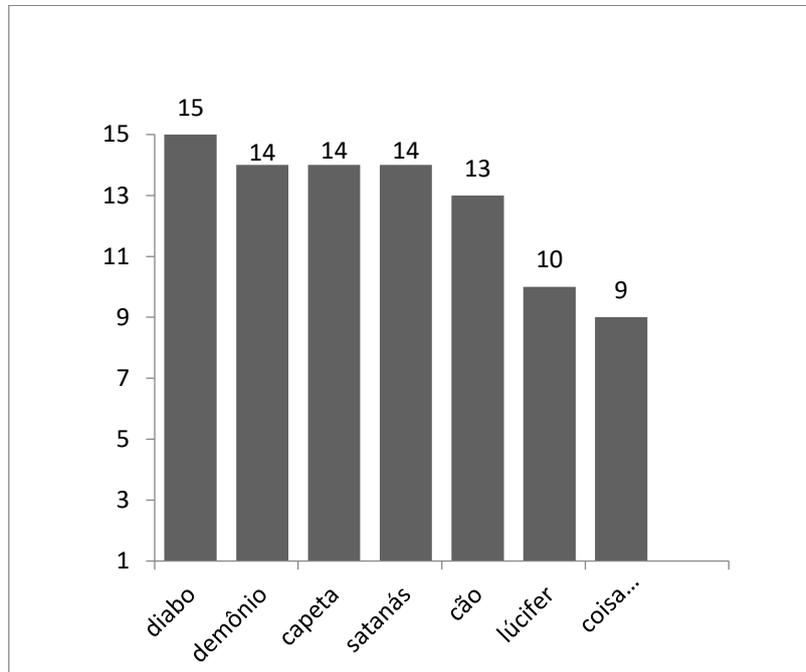


Gráfico 2: Frequência das variantes para *diabo* nas capitais das regiões Norte e do Nordeste do Brasil

Fonte: Elaborado pela autoria com base em dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

O Gráfico 2 mostra que *diabo* está presente em todas as capitais pesquisadas. As variantes *demônio*, *capeta*, *satanás* e *cão* também estão presentes na maioria das cidades, possuindo uma ampla distribuição diatópica, o que pode demonstrar sua representatividade linguística em todas as capitais do Norte e Nordeste do Brasil.

Na Figura 1, apresenta-se a carta linguística que mostra a distribuição espacial dos itens lexicais mais expressivos que foram registrados nas capitais da Região Norte do Brasil.

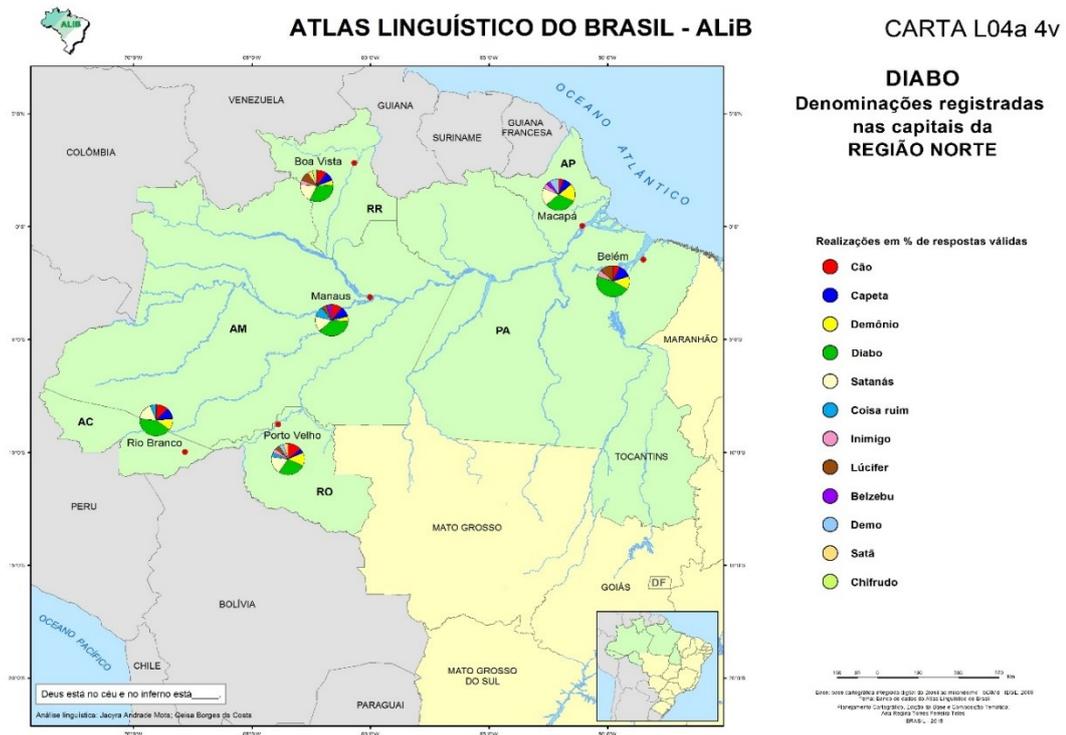


Figura 1: Denominações para diabo nas capitais da Região Norte do Brasil

Fonte: Elaborado pela autoria com base em dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

Foram catalogadas 19 designações para o referente em destaque na região Norte. A variante *diabo* foi registrada em todas as capitais com um índice alto de ocorrências, não sendo pronunciada por apenas um dos informantes das capitais Belém/PA, Boa Vista/RR, Macapá/AP e Rio Branco/AC e dois informantes de Porto Velho/RO. A variante *satanás* obteve a segunda maior produtividade no Norte, embora não tenha sido registrada em Belém. As lexias *demônio*, *cão* e *capeta* foram documentadas em todas as capitais da Região Norte. O item lexical *inimigo* foi documentado em quatro capitais: Belém, Boa Vista, Macapá e Porto Velho. A variante *coisa ruim*, embora com baixa produtividade, foi registrada em três das seis capitais: Manaus, Porto Velho e Rio Branco. A lexia *Lúcifer* só não foi documentada em Macapá e Rio Branco. As variantes *demo*, *tinioso*, *satã*, *belzebu* e *besta* foram documentadas em somente duas capitais: *demo* e *besta* em Macapá e Porto Velho; *tinioso* em Macapá e Manaus, *satã* em Boa Vista e Porto Velho e *belzebu* em Macapá e Manaus. Seis variantes tiveram ocorrência única: *chifrudo* e *cruz credo* (documentadas apenas em Boa Vista), *anticristo*, *bicho feio* e *nefisto* (registradas somente em Macapá).

Na Figura 2, apresenta-se a distribuição espacial dos itens lexicais mais expressivos que foram registrados nas capitais da Região Nordeste do Brasil.

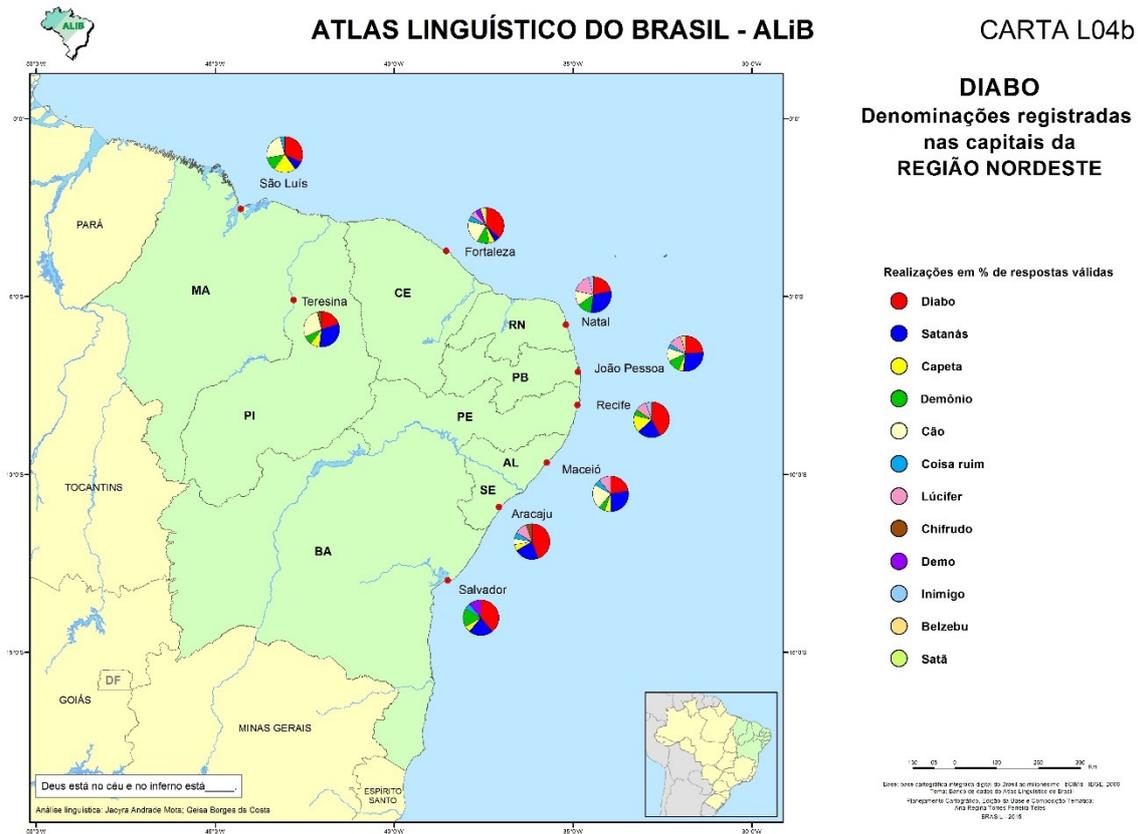


Figura 2: Denominações para *diabo* nas capitais da Região Nordeste do Brasil

Fonte: Elaborado pela autoria com base em dados do Atlas Linguístico do Brasil –(ALiB)

O conjunto dos dados documentou 26 lexias distintas para o referente pesquisado na região Nordeste. A variante *diabo* foi registrada em todas as capitais com um índice alto de ocorrências, sendo pronunciada por todos os informantes de Aracaju, Salvador, São Luís e Recife. A variante *satanás* também foi bastante produtiva no Nordeste, ocorrendo em todas as capitais da região. A lexia *demônio* só não foi registrada em Aracaju, e a variante *capeta* não foi registrada apenas em Natal. A variante *cão* não foi documentada em duas capitais: Salvador e Recife. A variante *coisa ruim* foi registrada em seis capitais: Aracaju, João Pessoa, Salvador, São Luís, Maceió e Fortaleza. A lexia *Lúcifer*, ainda que tenha tido baixa produtividade, foi documentada em seis capitais: Aracaju, Natal, Recife, Maceió, João Pessoa e Fortaleza. As variantes *sujo*, *chifrudo*, *encardido* e *inimigo* foram documentadas em duas capitais cada: a primeira, em Aracaju e Maceió; a segunda, em Aracaju e São Luís; a terceira, em Aracaju e Natal; a quarta, em Maceió e Recife. 14 variantes tiveram ocorrências únicas. São elas: *anjo mau* e *príncipe dos céus* (São Luís), *anticristo*, *besta fera*, *capiroto* e *desgraça* (Teresina), *belzebu* e *sapirico* (Natal), *bicho ruim* (Fortaleza), *cramunhão* (Aracaju), *criatura* (Salvador), *enxofre* e *troço* (Maceió), *satã* (João Pessoa).

5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo principal analisar, sob a perspectiva diatópica, a produtividade das variantes lexicais para a primeira questão da área semântica Religiões e Crenças, documentada pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil nas capitais nortistas e nordestinas do Brasil.

A investigação seguiu as diretrizes teóricas e metodológicas da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea. Os dados lexicais que integram o *corpus* do trabalho foram coletados através de 120 entrevistas do QSL realizadas nas quinze capitais brasileiras que integram o Norte e o Nordeste do Brasil.

No que tange à questão “Se Deus está no céu, no inferno está...?”, as unidades lexicais apuradas para o referente *diabo* correspondem a 31 formas lexicais distintas, o que demonstra a produtividade da variação relacionada ao conceito compreendido por este item lexical.

O estudo possibilitou o conhecimento de importantes elementos linguísticos manifestados através do campo semântico-lexical das religiões e das crenças. As marcas culturais dos falantes das capitais brasileiras estão impressas nos elementos lexicais utilizados para nomear “o ser que está no inferno”.

As variantes documentadas demonstraram ser o termo *diabo* uma lexia tabu, pois os informantes, ao responderem à questão, utilizaram muitas formas metafóricas para substituí-lo, como: *coisa ruim, inimigo, anticristo, sujo, encardido*.

No campo religioso, não é raro o falante utilizar termos metafóricos, eufemísticos e disfemísticos como um meio de não proferir determinadas palavras consideradas pecaminosas ou malditas, as quais são fortemente rejeitadas e, normalmente, sofrem sanção social.

Nas mais variadas culturas, existe a crença de que a simples pronúncia de algumas palavras pode atrair para as pessoas toda sorte de males, devendo-se evitar o uso do termo, a fim de afastar os perigos que ele pode trazer.

O estudo apresentou algumas informações bastante significativas do ponto de vista diatópico: a lexia *diabo* foi documentada nas 15 capitais que fizeram parte do estudo; as variantes *demônio, capeta, satanás e cão* também obtiveram uma alta produtividade nas Regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Buscou-se, com este estudo, contribuir para o entendimento de aspectos do léxico regional, através do exame de unidades lexicais que revelaram alguns aspectos da diversidade linguística dos falantes das capitais nortistas e nordestinas.

As pesquisas de cunho dialetal têm servido para demonstrar a riqueza e a pluralidade de normas linguísticas existentes no interior do português falado no Brasil, sendo de extrema importância para o conhecimento da multidimensionalidade que a língua portuguesa assume nos diversos espaços físicos e socioculturais.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, S. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, S. Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? *Revista do GELNE*, Fortaleza, v.4, n. 2, p. 1-16, 2002.

CARDOSO, S. *Geolingüística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CHAMBERS, J. K. Y.; TRUDGILL, P. J. *La dialectologia*. Madrid: Visor Libros, 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

THUN, H. *Atlas linguistique et variabilité: Introduction à la table ronde*. In: XXII CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES, 1998, Bruxelles, *Actes...*, v. III, Tübingen: Max Niemeyer, 2000. p. 407- 409.

ZÁGARI, M. R. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. *In*: AGUILERA, V. A. (org.). *A Geolinguística no Brasil*. trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005. p. 45-72.



Recebido em 04/06/2022. Aceito em 01/06/2023.